

**Carlos Ascenso ANDRÉ, *Ovídio. Arte de amar. Tradução, introdução e notas de Carlos Ascenso André, Lisboa, Livros Cotovia, 2006 (125 pp.).***

Todos nós, estudiosos e docentes de literatura latina em Portugal interessados em Ovídio, nos perguntávamos quando surgiriam traduções da obra do poeta de Sulmona. Eis que o Prof. Carlos André vem preencher uma lacuna importante da literatura romana traduzida para a língua portuguesa. É, portanto, com grande satisfação que se recebe este livro entre os amantes do mundo clássico.

A editora Livros Cotovia parece empenhada numa luta titânica contra o ostracismo a que se quer condenar os estudos clássicos por parte das instâncias superiores. Sem margem de manobra nos planos do ensino secundário e com uma avassaladora publicidade negativa, a cultura clássica parece sentenciada a perecer, não fosse por iniciativas como esta, que demonstram, pelas vendas e pelo número de leitores, que, contra ventos e marés, a literatura greco-latina continua a ter um público fiel, à espera tão só de que os especialistas a tornem acessível com traduções elegantes. A *Odisseia* (e a sua versão adaptada para jovens), a *Iliada* e o *Satyricon* iniciaram esta senda, agora continuada pela *Arte de amar*. Só por este facto a publicação já merece todos os nossos elogios.

Trata-se, como fica claro pelas minhas palavras, de uma tradução dirigida a um público amplo, não especializado, que simplesmente deseje desfrutar de uma obra imortal e actual, porque os clássicos nunca passam de moda. Com Ovídio o leitor poderá visitar a Roma antiga, as ruas, os banquetes, os costumes, os jogos de sedução, e simultaneamente o mundo mítico que assoma por entre os símiles atrevidos e as digressões narrativas. E, graças à sóbria e elegante tradução de Carlos André e às notas explicativas, breves e claras, o leitor inexperiente na literatura latina avançará com passos firmes pelo saboroso texto ovidiano.

A edição não está pensada para especialistas. O erudito que procurar na introdução um estudo aprofundado ficará desapontado. Quem quiser encontrar um estudo deste tipo, dirigido a especialistas, terá de acudir à outra publicação que Carlos André lança em simultâneo na

mesma editora, *Caminhos do amor em Roma*. A introdução da *Arte de amar* é concisa, apenas dirigida a esclarecer quem foi o autor e qual o assunto da obra, numa dúzia de páginas em que se desvenda, numa espécie de paráfrase, o que se pode encontrar no texto do poeta latino. Seria fácil cair no erro de exigir ao autor uma introdução mais aprofundada e extensa, mas estaríamos a falar então de outro tipo de trabalho, mais restrito e menos divulgativo.

O mesmo se pode dizer da bibliografia final. Resumir a vastíssima bibliografia sobre Ovídio e a *Arte de amar* em treze livros pode parecer excessivamente redutor, mas tem de se ter em conta que se trata apenas de uma orientação para o leitor não especializado. É, no entanto, de estranhar que a maior parte desses livros recomendados seja tão antiga, e que se tenha deixado de parte, sem a mencionar, a bibliografia mais recente que aponta para novas vias de interpretação do texto (a título de exemplo entre muitas possíveis, a obra de Holzberg). Muito mais estranho se considerarmos que algumas destas obras (como as de Dimundo, Gibson ou Sharrok) aparecem citadas mas quase que escondidas, sob o epígrafe *Edições*.

Se a introdução e a selecção bibliográfica nos parecem coerentes com o intuito do livro (dá-se maior importância à clareza expositiva para o poder dirigir a um público alargado), no estilo da tradução, porém, teremos de levantar um pequeno senão. Embora o autor afirme, na página 25, que optou por uma tradução em verso, a verdade é que o não fez. Trata-se de uma tradução por linhas, o que é diferente. A tradução de cada verso ovidiano numa linha tem a incontestável vantagem de facilitar a consulta do texto latino. Obviamente, isto será de um valor inestimável para os nossos alunos de licenciatura que trabalharem futuramente o texto da *Arte de amar*. Mas para esse público não especialista que lerá a obra pelo simples prazer da leitura não há vantagens evidentes na tradução linha a linha. Neste caso, seria proveitosa uma tradução realmente em verso (rítmica, ainda que fosse em verso branco e sem número exacto de sílabas), mesmo que não respeitasse exactamente a extensão do dístico ovidiano.

Mas esta opção, naturalmente, beneficiaria uns leitores e dificultaria o trabalho de outros. Cada tradutor está obrigado a fazer escolhas e em cada eleição ganha uma parte do público leitor e perde outra. Nós só podemos alegrar-nos por ver mais uma tradução de um texto clássico e esperamos surpreender pessoas na rua com o livro na mão, redescobrimo o prazer dos clássicos.

CARLOS DE MIGUEL MORA

**CATALDO PARÍSIO SÍCULO, *Epístolas. II Parte. Fixação do texto latino, prefácio e notas de Américo da Costa Ramalho e de Augusta Fernanda Oliveira e Silva. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, 293 pp. [ISBN: 972-27-1378-7].***

A publicação integral das *Epístolas* de Cataldo, iniciada com esta segunda parte, constitui um marco significativo no quadro dos estudos do Humanismo Renascentista português. De facto, Cataldo Parísió Sículo desempenhou um papel crucial e pioneiro na introdução e divulgação dos ideais humanistas em Portugal, como justamente tem demonstrado Américo da Costa Ramalho nos vários trabalhos que lhe dedicou ao longo de mais de quatro décadas. O humanista siciliano veio para Portugal, em 1485, a convite de D. João II, como secretário latino e orador oficial. Algum tempo depois veio a desempenhar as funções de preceptor de D. Jorge, filho bastardo do monarca, e de várias figuras proeminentes da nobreza.

Este livro vem colocar à disposição de um público variado um conjunto de epístolas que retrata com particular fidelidade as relações privilegiadas que Cataldo estabeleceu com inúmeras individualidades, sobretudo portuguesas, do seu tempo. Os autores do trabalho referem, aliás, ter começado pela publicação da segunda parte das *Epístolas* de Cataldo, precisamente por aí se encontrar a maioria do seu epistolário dirigido a portuguesas.

Não é por demais notar a cuidada apresentação das cartas, quer do texto original latino, quer da excelente tradução portuguesa, que está acompanhada de notas bastante proveitosas, cuja simples leitura fornece